

'O Essencial Chomsky' aperta o nó que ata linguagem, liberdade e luta

Livro recém-lançado é preâmbulo à revolução linguística e ao ideário político do pensador

Mario Sergio Conti

Folha de S. Paulo, 4.mai.2024

- Num levantamento dos dez autores mais citados no ambiente acadêmico, o escritor norte-americano [Noam Chomsky](#) é o único vivo. Aparece em oitavo lugar, logo depois de Freud e antes de Hegel.

Além de escrever, Chomsky dá entrevistas e palestras com cadência semanal. Faz isso há décadas e está com 95 anos, o que lhe confere uma auréola dupla, a de sábio venerável e astro pop, ainda que mais no exterior do que em casa.

É professor emérito do Instituto de Tecnologia de Massachussets, o MIT, e dá aulas na Universidade do Arizona. É menos famoso nos [Estados Unidos](#) porque, sendo um crítico radical do status quo, aparece pouco na grande mídia.

Quando aparece, faz barulho. Escreveu com dois colegas no New York Times sobre o ChatGTP e outros programas de inteligência artificial. O artigo afirma que, "dada a amoralidade, a falsa ciência e a incompetência linguística desses sistemas, só podemos rir ou chorar da sua popularidade".

No governo Trump, disse à revista New Yorker que ele era "o pior criminoso da história mundial". Como assim, pior que Hitler e Stálin?

Isso mesmo, pois Hitler "não dedicava seus esforços, de forma perfeitamente consciente, a destruir a perspectiva da vida humana na Terra". E Stálin "queria manter o poder e o controle. Matar foi um meio para atingir esse fim".

Quanto a Trump, lançou um repto ao entrevistador: "Que figura importante na história da humanidade dedicou uma política à maximização da utilização de combustíveis fósseis e à redução de regulamentos que mitigam o desastre? Diga uma."

O jornalista, Isaac Chotiner, bem que tentou: "Bolsonaro, talvez". Chomsky o rebateu dizendo que o brasileiro é um "clone" do americano e que o imita perigosamente, "mas não foi tão longe quanto Trump".



Ilustração de Bruna Barros para coluna de Mario Sergio Conti de 3 de maio de 2024 - Bruna Barros/Folhapress

Escreveu um número inconcebível de livros: 150. A maioria é de linguística ou política, mas há alguns sobre filosofia, moral, história, ciência e imprensa. Nenhum deles é central à sua obra como, para Darwin e Freud, "A Origem das Espécies" e "A Interpretação dos Sonhos".

Por qual começar? Uma boa escolha é o recém-lançado "[O Essencial Chomsky](#)". Publicado pela editora Crítica, o livro de 654 páginas tem 25 prefácios e ensaios. Serve de preâmbulo à revolução linguística e ao ideário político de Chomsky. É inteligência em estado puro.

O livro começa com a resenha que é considerada a mais influente do século 20, a de "Comportamento Verbal", de B.F. Skinner. Ela expõe com elegância e clareza o cientificismo de Skinner, que mascara com analogias sua falta de substância. O behaviorismo nunca mais foi o mesmo.

Outro texto que marcou época é "A Responsabilidade dos Intelectuais", escrito no pico da invasão do [Vietnã](#). É a partir dela que o artigo recenseia o amparo de intelectuais –cantados em prosa e verso como independentes– ao furibundo belicismo de democratas e republicanos.

Aos altos princípios dos especialistas –propagação da democracia, combate à opressão, defesa da paz– ele contrapõe o massacre sistemático de civis, perpetrado para enriquecer a elite. Os intelectuais eram, são, a casta que edulcora com ideias o interesse material da classe dominante.

A linguagem é o núcleo da sua obra. Assim como se alimenta, a espécie humana chega à linguagem. Não é preciso coagir as crianças a aprendê-la. Elas têm uma gramática inata que, com uns poucos estímulos, as leva a pensar, criar e se comunicar.

É assim, prescindindo da coação da força, que Chomsky aperta o nó que ata linguagem, liberdade e luta. Chomsky dá como exemplo a [escravidão](#), que no século 19 "era considerada legítima, até estimável". Foram anos e anos de lutas, fundamentadas na gramática dos argumentos e da emoção, até que ela terminasse.

As mudanças podem ser bem rápidas. Há meses, quem denunciava a matança de Israel em Gaza era xingado de antissemita pelos intelectuais sicofantas. Hoje não mais. Cerca de 80 universidades americanas estão conflagradas pelo movimento antiguerra, inclusive o MIT de Chomsky.

Ele teve uma experiência semelhante em 1967, ao participar de um protesto contra a invasão do Vietnã. Em "Sobre a Resistência", reproduzido em "O Essencial Chomsky", escreveu um artigo para os que compartilhavam sua "aversão instintiva ao ativismo".

Parou de pagar impostos para não financiar a carnificina, foi a mais manifestações, acabou preso –e os vietnamitas venceram a maior máquina de matar de todos os tempos. Tiveram a solidariedade de Chomsky em pensamento, palavras e atos.